

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Propriedária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano I — Número 7

Julho de 1963

Na véspera dos Congressos de 1963

Em breve se realizarão os Congressos deste ano em toda a União Angolana.

Pela experiência do passado, estamos certos de que durante eles a presença do Espírito do Senhor se fará sentir. Ouvir-se-ão mensagens de despertamento, narrativas de conversões, hinos inspiradores. Almas em luta com dúvidas tomarão a sua decisão definitiva de seguir a Cristo e de abandonar a sua vida de pecado; membros de igreja que estavam enfraquecendo na fé, e talvez dando os primeiros passos na apostasia, se arrependem e se dedicarão de novo ao Senhor. Numerosas pessoas se inscreverão nas classes de ouvintes e centenas de outras selarão por meio do baptismo a sua entrega completa a Cristo.

Alguns membros de igreja serão tentados a não assistir aos Congressos. Uns dirão que as viagens a realizar são demasiado longas; outros desculpar-se-ão com os seus afazeres; outros, com a falta de disposição. Correm o perigo de passar pela mesma experiência porque passou Tomé. No dia da ressurreição de Jesus, o Senhor apareceu aos discípulos reunidos no Cenáculo. Essa foi para eles uma ocasião de grande inspiração. Lemos que então «os discípulos se alegraram, vendo o Senhor». (João 20:20). Mas que sucedeu àquele discípulo? Não estava presente e, por isso, não recebeu a inspiração de que os outros apóstolos beneficiaram e no seu coração surgiu a raiz da incredulidade.

Não façamos, pois como Tomé. Não deixemos de assistir a essas inspiradoras reuniões.

Para elas levemos um coração aberto à doce influência do Espírito Santo e mãos generosas para dar o nosso apoio ao avanço da obra de Deus.

Permita o Senhor que os Congressos deste ano constituam uma bênção para todos quantos a eles assistirem e para o Campo em geral.

E. F.

Os crentes necessitam da benção dos Congressos

por Don D. Rees

Nesta época do ano estão-se fazendo preparativos para os congressos anuais em muitos lugares. Os dirigentes dos campos estão cuidadosamente planeando um programa que incluirá todos os membros da família.

Da pena da inspiração nós lemos acerca da importância de assistir aos congressos: «É de importância que os membros de nossas igrejas assistam aos congressos. Os inimigos da verdade são muitos; e porque pequeno é o nosso número, cumpre-nos apresentar uma frente tão forte quanto possível. Necessitais, individualmente, dos benefícios das reuniões, e Deus vos convida a serdes os primeiros nas fileiras da verdade.» — *Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 378.

Nos primeiros dias do Movimento Adventista as pessoas viajavam em condições primitivas muitos quilômetros para assistirem aos congressos. Por vezes isso envolvia muito sacrifício e despesa por parte dos dirigentes. Da mesma sorte hoje, embora as viagens sejam mais fáceis, requer-se muito do tempo e dinheiro daqueles que deixam o seu trabalho e negócios para assistirem aos congressos. Vem a propósito o seguinte conselho:

«Dirão alguns: 'É dispendioso viajar, e ser-nos-ia preferível economizar o dinheiro e dá-lo para o avanço da obra onde é tão necessário'. Não raciocineis assim. Deus chama-vos a ocupar o lugar que vos pertence nas fileiras de Seu povo. Tanto quanto vos for possível, fortalecei o congresso, estando presentes vós e a vossa família. Fazei esforço extraordinário para assistir ao congresso do povo de Deus.

«Irmãos e irmãs, muito melhor vos seria deixar que os negócios sofressem do que perder o ensejo de ouvir a men-

sagem que Deus tem para vós. Não arranjeis nenhuma desculpa que vos impeça de obter toda a vantagem espiritual possível. Necessitais de todo o raio de luz. Precisaís habilitar-vos a dar a razão da esperança que há em vós, com mansidão e temor. Não vos podeis permitir a perda de um tal privilégio.» — *Ibid.*, pág. 378.

Inspiração mútua

Temos hoje necessidade de um laço de comunhão que ajude o nosso moral espiritual e conserve os nossos corações unidos num espírito de família. Ao assistirmos aos congressos ganhamos inspiração mútua cantando, orando e adorando em conjunto. Nos tempos antigos o Senhor instruiu o Seu povo a assistir com regularidade à reunião dos vários grupos numa grande convocação. Tem sido demonstrado repetidas vezes que o povo de Deus, ao reunir-se de várias áreas numa grande reunião, ganha tremendo refrigério e encorajamento espiritual.

«Antigamente o Senhor instruiu Seu povo a reunir-se três vezes por ano para tributar-Lhe culto. A essas santas convocações ia o povo de Israel, levando dízimos, ofertas pelo pecado e ofertas de gratidão à casa do Senhor. Encontravam-se para contar as misericórdias de Deus, tornar-lhe conhecidas as Suas maravilhosas obras e dar louvores e acções de graças ao Seu nome. E deviam unir-se no serviço sacrificial que apontava a Cristo como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Assim deviam eles ser guardados do poder corruptor da mundanidade e da idolatria. A fé, o amor e a gratidão deviam ser mantidos vivos no coração deles e, por meio de sua associação nesse sagrado serviço, deviam ser mais

estritamente ligados a Deus e uns aos outros.» — *Ibid.*, págs. 378, 379.

«Para os que moravam distante do tabernáculo, mais de um mês de cada ano deve ter sido empregado em assistir a essas santas convocações. O Senhor viu que essas reuniões eram necessárias à vida espiritual do Seu povo. Precisavam desviar-se dos seus cuidados terrenos para comungar com Deus, e contemplar as realidades invisíveis. Se os filhos de Israel necessitavam dessas santas convocações em seu tempo, quanto mais as necessitamos nós nos derradeiros dias de perigo e conflito! E se o povo do mundo então precisava da luz que Deus confiara à Sua Igreja, quanto mais dela necessitarão eles agora! — *Ibid.* pág. 379.

Sublimar os interesses sociais

Supomos que alguns assistem aos congressos apenas por razões sociais. Viajam muitos quilômetros, deixam o seu trabalho e os seus negócios, e fazem o sacrifício financeiro de assistir, mas enquanto estão no local do congresso não se apropriam das bênçãos que oferecem as várias reuniões.

Foi Emerson que disse: «Cada homem é meu superior naquilo que eu posso aprender dele». Creio que podemos parafrasear isto dizendo que aqueles a quem Deus escolheu para ocupar o púlpito e partir o pão da vida estão aqui para distribuir a comida e o conhecimento espiritual que beneficiará cada um de nós. É-nos dito especificamente que conversas descuidadas e o não assistir às reuniões é prejudicial ao congresso e também ao indivíduo. Somos aconselhados a acautelar-nos contra tal conduta.

«Não pode haver influência mais prejudicial a um congresso; ou a qualquer outra reunião religiosa, do que o visitar-se muito e o conversar descuidadamente. Frequentemente homens e mulheres reúnem-se em grupos, e entregam-se a conversas sobre assuntos comuns, que não têm qualquer relação com as reuniões. ... Alguns estão dissecando os caracteres de outros e não têm tempo ou disposição para investigar seus próprios corações, para descobrir os defeitos de seus próprios caracte-

teres, a fim de que possam corrigir as suas deficiências e aperfeiçoar a santidade no temor de Deus. Se todos os que professam ser seguidores de Cristo aproveitassem o tempo dos congressos conversando acerca da verdade, detendo-se sobre a esperança cristã, investigando os seus próprios corações, e em fervorosa oração perante Deus, pleiteando pela Sua bênção, realizar-se-ia uma obra muito maior do que até aqui temos visto.» — *Testemunhos para a Igreja*, vol. 2, págs. 597, 598.

Ao pensarmos nos tempos em que vivemos e nas possibilidades das nossas relações espirituais e de nossas famílias, cumpre a cada um de nós concentrarmos na grande necessidade de refrigério espiritual. É-nos dito que devemos planejar assistir a estas reuniões anuais. Assistindo a elas, tornamo-nos mais fortes e encontramos mais de Cristo para as nossa vidas. Riquezas e prazeres espirituais hão-de ser ganhos por meio desta comunhão mútua.

APÊLO

Tu, que escondes da crítica fatal
O sórdido agulhão em níveo manto;
Que ostentas o pendão de um zelo santo
E andas nas trevas a espreitar o mal;

Que encontras erros no mais belo ideal
E a cátedra do mando almejas tanto!
Que em tudo vês maldade, em nada encanto,
E turvas o mais límpido cristal:

Tua alma tem prazer no pus das fúridas
Dos que tombam nas lutas mais renhidas
Mas enfrentam de novo a dura estrada!

Deixa a vaidade, o orgulho, a vã censura,
Acerca-te do errante com brandura
E lembra-te que és barro, cinza e nada!

Correia Leite

Visado pela Censura

O Movimento Ecuménico e a Bíblia

por Ernesto Ferreira

Em artigos precedentes vimos como as diferentes Igrejas protestantes se estão unindo entre si e como algumas delas se estão aproximando da Igreja Católica; por outro lado, vimos como esta Igreja acaricia o pensamento de que todos os cristãos se reunam num só rebanho debaixo da direcção do bispo de Roma.

Quer o movimento ecuménico protestante quer o católico citam em apoio das suas respectivas atitudes as palavras da oração sacerdotal de Jesus: «Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. E Eu dei-lhes a glória que a Mim Me deste, para que sejam um, como Nós somos um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o Mundo conheça que Tu Me enviaste a Mim, e que os tens amado a eles como Me tens amado a Mim.» (João 17:21-23).

Apoiarão de facto estas palavras as pretensões do Movimento Ecuménico? É o que vamos tentar examinar.

Notemos primeiramente que a união entre os membros da Igreja é uma consequência da íntima união da mesma com Cristo.

Esta união é simbolizada por diversas comparações.

Assim a Igreja é apresentada como um corpo de que a cabeça é Cristo. Segundo a epístola aos Efésios, Deus «O constituiu como cabeça da Igreja, que é o Seu corpo, a plenitude d'Aquele que cumpre tudo em todos». Prossegue o apóstolo Paulo, na mesma epístola: «Seguindo a verdade em caridade, cresçamos em tudo n'Aquele que é a Cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.» (Efes. 1:22, 23; 4:15, 16).

É desta união com a Cabeça — com Cristo — que resulta a solidariedade dos membros entre si. No dizer do mesmo Apóstolo, «assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. ... Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E se a orelha disser: Porque não sou olho não sou do corpo; não será por isso do corpo? ... Agora pois há muitos membros, mas um corpo. ... Não haja divisão no corpo, mas antes tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. Ora vós sois o corpo de Cristo, e Seus membros em particular.» (I Cor. 12:12, 15, 16, 20, 25, 26).

Santo Agostinho procurou exprimir este mesmo pensamento da seguinte forma: «O Cristo total é cabeça e corpo: a cabeça é o Unigénito Filho de Deus, e o corpo é a Sua Igreja.» (*De Unitate Ecclesiae*, 4). «Nós fomos feitos Cristo: se pois Ele é a cabeça, nós somos os membros; o homem completo é constituído por Ele e por nós.» (Tract. in Joan. XXI, 8-9).

A união de Cristo e da Igreja é também apresentada sob o símbolo de um edifício de que Cristo é a pedra principal de esquina. A ela se referiu o Mestre quando disse: «Sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja.» (Mat. 16:18).

A imagem da pedra de esquina já tinha sido mencionada por Isaías (Isa. 28:16). Mas Jesus applicou-a a Si próprio (Mat. 21:42; Luc. 20:17, 18).

É notável a maneira como o apóstolo Pedro a applicou ao Senhor: «Ele é a Pedra, que foi rejeitada por vós os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo

do céu nenhum outro nome há dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos.» (Act. 4:11, 12).

E é pelo facto de pertencerem ao mesmo edifício de que Cristo é a pedra angular, que os membros da Igreja devem estar unidos entre si. Eles estão «edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor.» (Efes. 2:20, 21).

Esta solidariedade dos membros derivada de pertencerem ao mesmo edifício é igualmente mencionada pelo apóstolo Pedro numa das suas epístolas: «Chegando-vos para Ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo.» (I Ped. 2:4, 5).

A união de Cristo e da Igreja é ainda apresentada sob o símbolo de um rebanho, de que Cristo é o pastor.

Disse o Mestre: «Eu sou o Bom Pastor, e conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas sou conhecido. Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai, e dou a Minha vida pelas ovelhas. E ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também Me convém agregar estas, e elas ouvirão a Minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.» (João 10:14-16).

É porque estão debaixo do mesmo Pastor que as ovelhas são solidárias entre si.

Sob qualquer destes três símbolos — do corpo, do edifício e do rebanho — vemos que, se há-de haver união entre os crentes, esta deve estar baseada na sua união com Cristo.

Mas, suposta esta união com Cristo, que deve caracterizar a união dos crentes entre si?

Em primeiro lugar, devem os crentes manter a mesma atitude perante Cristo — nas Suas atribuições de Mestre, de Divino, de único Mediador entre Deus e os homens, de Salvador e de Senhor.

Outro elemento de união mútua de-

ve ser o amor. Disse Jesus: «O Meu mandamento é este: Que vos ameís uns aos outros, assim como Eu vos ameí.» (João 15:12). Escreveu o apóstolo Paulo: «O amor seja não fingido. ... Amaí-vos cordealmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros.» «A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameís uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei.» (Rom. 12:9, 10; 13:8). Ainda mais expressivas são as palavras daquele que, com razão, é conhecido por Apóstolo do Amor: «Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte. Qualquer que aborrece a seu irmão é homicida. ... Conhecemos a caridade nisto: que Ele deu a Sua vida por nós e nós devemos dar a vida pelos irmãos.» «Amados, amemo-nos uns aos outros; porque a caridade é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. ... Amados, se Deus assim nos amou, também nos devemos amar uns aos outros.» (I João 3:14-16; 4:7, 11).

Esta característica era tão manifesta na Igreja primitiva, que os próprios pagãos romanos, segundo o testemunho de Tertuliano, a admiravam, dizendo: «Vede como eles se amam uns aos outros.» (*Apologeticum*, cap. 39).

Finalmente, a união dos crentes entre si deve ser caracterizada pela adesão à mesma doutrina, baseada na profecia, ou seja, na Revelação. Com efeito, devem tomar a Palavra de Deus como única norma da sua fé. Então se cumpre neles a oração do Senhor: «Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade.» (João 17:17). Ou, como escrevia o apóstolo Pedro, «Não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas artificialmente compostas. E temos mui firme a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro. ... Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo.» (II Ped. 1:16, 19, 21).

Sendo assim, põem de parte as tradições humanas, como estranhas à sua única norma de fé, acatando a admoestação do Mestre: «Em vão Me adoram ensinando doutrinas, que são preceitos dos homens.» «Porque transgredis vós o mandamento de Deus pela vossa tradição?... Assim invalidastes pela vossa tradição o mandamento de Deus.» (Mat. 15:9, 3, 6). Não dizia já o Sábio: «Toda a palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam n'Ele. Nada acrescentes às Suas palavras, para que não te repreenda e sejas achado mentiroso» (Prov. 30:5, 6).

Ao analisarmos as tendências do Movimento Ecuménico, verificamos infelizmente que não se cumprem nele, na íntegra, as características acima mencionadas.

Com efeito, a união com Cristo, que devia manter-se no campo puramente espiritual, é substituída por uma união visível com uma autoridade humana, que pretende representar a Cristo neste mundo.

Além disso, o amor, vínculo de união entre os crentes, é substituído por motivações de ordem política, tais como a defesa da civilização ocidental perante a invasão do bloco materialista e perante o ressurgimento das religiões orientais.

Finalmente, e é este o ponto mais fraco, longe de se basearem unicamente na Palavra de Deus, os defensores do Movimento Ecuménico abdicam cada vez mais dos ensinamentos bíblicos e adoptam tradições de elaboração humana.

Por outro lado, ao lermos o livro de Apocalipse desde o capítulo 13 até ao 19, vemos advertências bem claras contra uma união feita nestas bases.

Em conclusão, que diremos da união preconizada pelo actual Movimento Ecuménico se ela se processar de acordo com as tendências já manifestadas?

A resposta, embora pouco lisonjeira, é inevitável: essa união, em vez de constituir um avanço, representa um retrocesso quanto à pureza da vida cristã; em vez de conduzir à realização do desejo manifestado por Cristo na Sua oração sacerdotal, levará à formação da grande Babilónia denunciada pelo livro de Apocalipse.

Um apelo do conselho da Divisão

Por altura do Conselho de Inverno que se realizou em La Lignière em 1961, o Conselho da Divisão Sul-Europeia decidiu criar Arquivos. Pediu à Direcção do Seminário do Salève para destinar um ou dois compartimentos num dos seus edifícios para ali conservar os documentos que puderem ser reunidos e torná-los acessíveis aos investigadores.

Toda a pessoa ou igreja que disponha de fotografias, cartas, livros, colecções de periódicos, actas de Conselhos ou de Assembleias, ou de qualquer outro documento relacionado com o estabelecimento e o desenvolvimento da Obra nas diversas igrejas, conferências, uniões e instituições compreendidas na nossa Divisão e que esteja disposta a ceder aos nossos Arquivos poderá enviá-los à Direcção do Seminário de Collonges-sous-Salève. Para evitar duplicados e despesas de expedição inúteis, seria bom indicá-los esses documentos antes de os enviar.

Se alguém possuir documentos interessantes e preciosos e desejar guardá-los, prestaria serviço aos Arquivos emprestando-os por alguns dias ou assinalando-os a fim de que se possa vê-los e consultá-los ou mesmo fotografá-los no local.

Nossos agradecimentos antecipados a todos os que quiserem responder favoravelmente a este apelo.

Pela Comissão de «Advent Sources and Defence»

A. Vaucher

Boletim Adventista

Histórias Africanas



A Grande Reconciliação

As famílias de Chivunda e de Sangombe viviam perto do mato, povoado de feras, e suas casas estavam cercadas de palissadas com que se defendiam.

Um dia, Biete, filho de Sangombe, antes do nascer do sol, entrou no mato com o seu arco e a sua flecha, acompanhado do seu fiel cão, a fim de visitar as armadilhas que tinha preparado. Passou toda a manhã sem encontrar caça e preparava-se já para voltar para casa, quando o seu cão farejou uma pista e se pôs a segui-la. Biete reconheceu os vestígios recentes de um javali; o seu olfato subtil revela-lhe que o animal não está longe. Em breve o cão faz sair o javali do seu esconderijo e a perseguição começa com o objectivo de o levar a cair na armadilha.

Quando já estava prestes a cair nela, o javali rola por terra, traspassado por uma flecha, enquanto o cão se precipita sobre ele. Desagradavelmente surpreendido, Biete suspende a sua carreira. Um outro caçador surge detrás de uma árvore. Era Chivunda, o seu vizinho. Desencadeou-se uma terrível discussão entre eles; cada um pretende que o javali seja seu. Enquanto gesticulam para fazer valer os seus direitos Biete sente de súbito uma dor no seu lado. Chivunda tinha-o ferido e o sangue jorrava.

Durante quatro dias, Biete sentiu uma grande languidez e febre. Sua saúde declinava rapidamente. Ele falava muito durante o sono, contando histórias de caça. Chamado o curandeiro, este nada pôde fazer.

Depois da sua morte, os tambores e as lamentações fizeram-se ouvir durante oito dias. Mas o coração de Sangombe não se apaziguou e os membros de sua família juraram vingança.

A partir de então, coisas estranhas começaram a suceder a Chivunda.

Um dia, quando entrou já tarde em casa, sua mulher disse-lhe com um ar preocupado que a filha mais velha estava doente. Ao voltar do mercado, ela sentira uma grande lassidão e agora a febre sacudia todo o seu corpo.

A jovem delirou toda a noite. O curandeiro ministrou os seus remédios, mas em breve ela expirou.

Algum tempo depois, foi a vez da segunda filha.

Em seguida algumas cabras do rebanho desapareceram, não se sabe como.

De noite, Chivunda vela na sua cubata. A fogueira que ele reanima de vez em quando lança clarões vermelhos que dançam contra as paredes escuras pelo fumo. Os pensamentos também dançam na sua cabeça, porque a desgraça desceu sobre a sua casa. Suas duas filhas morreram e o seu pequeno rebanho diminuiu de uma maneira misteriosa.

Que outras desgraças se seguirão? Irão ainda desaparecer os outros membros de sua família e os restantes animais do seu rebanho? Ah! a vingança de Sangombe, devida à morte de Biete!

Chivunda aguardava, pois outras desgraças. Mas, para grande surpresa

Continua na pág. 16

Através da Escola Rádio-Postal

por E. V. Hermanson

Por intermédio da Escola Rádio Postal estamos a prestar serviços a pessoas que dificilmente poderiam ser atingidas de outra maneira. Tivemos um aluno que era paciente em um Hospital de Luanda. Por sofrer de deformidades osseas que apareceram na sua adolescência esse jovem viu-se obrigado a passar horas por dia estendido numa cama, mas assim mesmo fez o curso da Escola Rádio Postal. Para preencher as provas escritas fez grande sacrifício porque o seu estado dificilmente lhe permitia uma posição adequada para escrever. No entanto apresentou belíssimo trabalho. Adquiriu uma Bíblia para melhor poder estudar a ciência da salvação e na primeira página escreveu o seguinte pensamento:

«As deformidades e as imperfeições do nosso corpo tais como se vêem nos coxos, marrecos, surdos e cegos, quer sejam congenitas ou adquiridas torturam muito os homens. Todavia isso ainda lhes serve de conforto porque essas imperfeições do corpo não maculam a alma e não impedem de aperfeiçoá-la, antes ajudam a elevá-la e a purificá-la».

Pelas perguntas que fazia no fundo das provas escritas demonstrou quanto desejava ampliar seus conhecimentos e conhecer bem o caminho que leva à vida eterna. Deixou um exemplo digno de ser imitado, especialmente por aqueles que não sofrem de qualquer impedimento físico.

Uma aluna da área do Cubal que acaba de completar o nosso curso por correspondência, mãe de oito filhos que tem uma vida bastante atarefada, deu provas do que se consegue fazer com paciência, persistência, aplicação e força de vontade. Não tem muita escola, mas empregou bem a inteligência que Deus, lhe deu para aumentar os seus conhecimentos da Bíblia. Aprendeu a procurar, por fervorosas orações a Deus, a solução para os seus grandes problemas relacionados com a séria

enfermidade de um filho. Partilhou conosco suas preocupações, dando-nos a oportunidade de apoiar as suas orações com as nossas, suplicando ao Senhor que lhe curasse o filho se assim fosse a vontade de Deus. Para sua e nossa grande alegria soubemos poucas semanas depois que o filho havia sido muito feliz numa tríplice operação feita por especialistas num hospital de Lião, França. Encontra-se agora restabelecido e a estudar em Portugal. Foi-nos também um prazer ler algumas lindas cartas que esse menino de 10 anos escreveu aos seus pais.

Um aluno de Sá da Bandeira des-cuidou-se em fazer as lições. Passaram para a mão da esposa que resolveu fazê-las. Ao completar o curso informou-nos que foi ela e não ele, quem fez o curso. Concordamos com ela em emitir o diploma em seu nome. Disse-nos essa senhora que tinha muita pena por ter chegado ao fim do curso porque havia apreciado bastante este estudo e o contacto feito com a Escola. Puzemo-la em contacto com nossa igreja em Sá da Bandeira e esperamos que ela continue o estudo da Bíblia e que tenha prazer em pertencer ao número daqueles que «guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.»

Uma aluna da Cela encontrando-se bastante preocupada com os seus problemas espirituais lembrou-se de procurar o nosso conforto e as nossas orações. Está claro que estamos aqui para esse fim. Tivemos o ensejo de ajudá-la a resolver seus problemas com nossas cartas animadoras, inculcando-lhe mais fé e levando-a a buscar de Deus a solução que necessitava.

Numa visita recente que fizemos a vários alunos do Moxico tivemos oportunidade de constatar quanto apreciam nossa escola, quanto lhes agrada uma visita e o prazer que eles têm em se ajoelharem conosco em suas casas para se fazer oração a Deus.

Continua na pág. 12

Página

da

Juventude



Festa das mães em Sá da Bandeira

«E sucedeu que, passado algum tempo, Ana concebeu, e teve um filho, e chamou o seu nome Samuel, porque dizia ela, o tenho pedido ao Senhor. E subiu aquele homem, Elcana, com toda a sua casa a sacrificar ao Senhor o sacrifício anual e a cumprir o seu voto.» I Samuel, 1:20, 21. As Escrituras nos dizem que «Ana mãe do menino Samuel, lhe fazia uma túnica pequena, e de ano em ano lha trazia quando com seu marido subia a sacrificar a sacrifício anual». I Samuel, 2:18. Esta mãe em Israel participava da festa anual dos sacrifícios ao Senhor honrando-o na pessoa de seu filho Samuel ainda moço, que ela estava a dedicar ao Senhor para o Seu glorioso serviço. As mães em Israel são um modelo deixado para as modernas mães dos nossos dias, e delas devem aprender importantes lições da vida prática de fé e obediência aos mandos divinos! Assim como Ana dedicou Samuel ao Senhor também devem as mães dedicar os seus filhos ao serviço da Causa do Mestre. Maria mãe de Jesus disse: «A minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador». S. Lucas, 1:46, 47.

Alegrámo-nos também com as mães do Israel moderno quando no passado dia 26 de Maio, realizámos a Festa anual das Mães na Igreja de Sá Bandeira. Eram 21 horas precisas quando demos início a esta modesta Festa dedicada às mães. A pequena sala da Igreja estava repleta de pessoas e algumas se foram embora por falta de lugar.

Jovens e crianças tomaram parte nesta Festa, recitando as suas poesias, diálogos, e cantigos, salientando-se em especial as pequeninas Ana Maria e Maria João na poesia: «A Mamã nos quer Bem»! O ambiente da sala era agradável e as mães sentiam-se orgulhosas pela presença dos seus filhos e pela sua colaboração dedicada nesta Festa que bem simbolizava o valor das mães portuguesas que deram os seus filhos para nobres ideais da fé, da pureza, da sã moral cristã, que os habilitará a serem homens e mulheres de amanhã úteis ao Senhor e aos seus semelhantes na vida social e colectiva!

Mais uma vez os nossos melhores agradecimentos às mães e aos pais que estiveram presentes nesta Festa das mães e bem assim pela sua colaboração nesta singela Festa.

Américo J. Rodrigues

Investidura das Classes Progressivas no Bongo

No passado dia 2 de Junho do corrente, teve lugar, na Missão do Bongo, a cerimónia da Investidura das Classes Progressivas, realizada com a presença da Secretário dos Departamentos, e com a assistência de algumas visitas. Foi uma cerimónia simples mas significativa, que procuraremos descrever mais adiante.

As Classes Progressivas têm como objectivo preparar jovens que possam ser os enviados de Jesus e que, pela sua capacidade, habilidade e adiestramento levem ao Mundo, na ple-

nitude do seu significado e valor, a Mensagem do Advento. Essa preparação visa, de um modo especial, o conhecimento da Palavra de Deus e dos Seus inesgotáveis tesouros, e o desenvolvimento de um abnegado espírito de serviço, através da aprendizagem de conhecimentos que permitam ao M. V., em qualquer lugar, em qualquer tempo e em quaisquer circunstâncias, ser uma bênção aos seus semelhantes.

Era este o alvo para nós também. Teria sido atingido plenamente? Sinceramente, pensamos que não atingimos o nível que Deus esperaria de nós. Mas a experiência ensinou-nos algo e esperamos que, futuramente, mais e melhor possamos fazer para o Divino Mestre. O que se fez deve-se, sem dúvida, à graça de Deus, que abençoou os esforços de todos os que tinham responsabilidades nesta tarefa. Com a Investidura, encerraram-se as actividades das Classes Progressivas deste ano lectivo.

O programa foi o seguinte:

Hino de Abertura — 350 do H. A. Para meditação, dois jovens da C. de Amigos e um da C. de Companheiros recitaram-nos o Salmo do Pastor, as Bem-aventuranças e a Promessa do Senhor. O secretário dos M. V. local fez a primeira oração e seguidamente o Secretário dos Departamentos, Pastor Ferreira, tomou a palavra e fez uma pequena palestra sobre Classes Progressivas. Logo após, a Família Ferreira cantou um belo hino especial que nos falava da necessidade de deixarmos brilhar em nós o luz de Jesus. As Classes de Auxiliares, Amigos, Companheiros, Pesquisadores, Guias e Chefes de Guias fizeram uma pequena prova do seu trabalho, recitando textos bíblicos, fazendo nós e ataduras, e fazendo também uma pequena demonstração de primeiros socorros. Recolheram-se as ofertas e foram depois chamados os candidatos à Cerimónia da Investidura. O Secretário dos Departamentos fez a entrega dos emblemas de cada classe, e felicitou e exortou cada um dos membros aprovados. Os Auxiliares cantaram o Hino 218 do H. A. Seguiram-se-lhes: Amigos, que cantaram o Hino 53 do Hinário M. V.; Companheiros, com o cântico 104 do mesmo Hinário; Pesqui-

sadores, que apresentaram o Hino 98 M. V.; Guias, com o Hino 107 M. V.; e finalmente os Chefes de Guia que entoaram o Hino 182 do H. A. O Director do Instituto ofereceu a oração de consagração, com todos os candidatos à frente da tribuna. Assim terminou a festa da Investidura de Classes Progressivas.

Momentos antes a aparelhagem do altifalante queimou-se e isso veio, de certo modo, impedir que se cumprissem ainda algumas partes do programa: Agradecimento — pelo Director, dos M. V. a todos os colaboradores e de um modo especial ao Pastor Ferreira, Director do Instituto, Professores, Preceptores, Monitores e também alunos; Hino Final; e oração de despedida.

A todos os que colaboraram activamente na preparação das Classes; a todos os que tomaram parte na elaboração e execução dos programas dos M. V.; aos que nos ajudaram com a sua simpatia, com seus conselhos e com suas palavras encorajadoras; aos que nos deram a honra da sua presença; a todos os que se preparam afinadamente para receberem o seu emblema; a todos um MUITO OBRIGADO.

Orlando Albuquerque

Moçâmedes

É sempre com prazer que contamos a alguém os progressos da Obra do Senhor, mas agora, com as páginas do Boletim Adventista à nossa disposição, é através delas que queremos dar notícias das bênçãos que Deus nos tem concedido, aos nossos irmãos desta Angola, ridente terra africana, onde os nossos missionários fazem esforços por arrancar as almas das trevas e levá-las a Jesus, fonte da gloriosa Luz.

Como jovem e secretária dos Missionários Voluntários de Moçâmedes, ocupar-me-ei nestas palavras simples e despretensiosas, das actividades do Departamento que estou secretariando nas terras desérticas do NAMIBE, tão cheia de belezas e encantos.

A nossa Sociedade é activa, formada por jovens, na sua maior parte, desejosos de empregar a sua viçosa juventude no serviço do Senhor.



Grupo de Missionários Voluntários de Moçamedes

Todos os Sábados, a partir das 16 horas, têm lugar as nossas reuniões, com programas elaborados com regular antecedência, nos quais colaboram não só os jovens como muitos adultos sempre com um entusiasmo inextinguível, digno de registo.

As Classes progressivas têm merecido um cuidado especial, pelo que é grande o número de jovens que se está preparando, desde a Classe dos Amigos até aos Líderes, para com mérito receberem em breve a investidura.

São já 12 os jovens que possuem o seu uniforme, mas este número vai ser aumentado muito em breve com mais 9 que garbosamente o vão usar. Se temos que apontar entusiasmo, actividade e boa vontade nos jovens mais crescidos que em grupos de dois estão colaborando na distribuição sistemática de folhetos, também os mais pequenos dão a sua preciosa colaboração e alguns se estão a preparar para serem investidos nas Classes de Abelhinhas Laboriosas e Luminares.

Em face da realidade do exposto, creio que a Sociedade dos Missionários Voluntários desta bela cidade à beira mar plantada, há-de continuar em franco desenvolvimento e há-de ser uma bênção para a Igreja que vê com simpatia as suas actividades.

Muitas graças a Deus pelos resultados obtidos, pois nos tem abençoado, coroando, assim, os esforços do nosso Director que sempre está pronto a aju-

dar os seus jovens em todos os seus problemas e lutas.

Oxalá, e este é o nosso sincero desejo, que toda a juventude Adventista deste vasto campo de Angola, para a qual vão as nossas cordiais saudações seja impregnada do mesmo zelo, para que por seu intermédio muitas almas venham ao conhecimento da Verdade, antes que o sol se ponha.

Maria Cordália Carrasco

ORAI SEM CESSAR

Em conversa casual com um juvenil nativo da Missão do Cuale contou-nos ele em certa altura que sua mãe, boa crente e membro da igreja adventista nunca vai à lavra sem primeiro entrar na sua casa e ajoelhar-se em fervorosa oração a Deus. Não admira esse juvenil ter muita admiração e estima por sua mãe. Nós também gostamos de saber que ela é uma mulher de oração. Sem dúvida ela ora para que Deus a faça uma bênção para os vizinhos, guiando-a na sua conversa e em todo o seu procedimento. Creio que se lembra também de orar pelos missionários, pastores, professores e outros obreiros e crentes que trabalham para levar almas a aceitarem a Jesus como seu Salvador. Ha-de orar também para que Deus guarde seu esposo e seus filhos e que os ajude a viverem uma vida cristã radiante. E estou certo de que ela também suplica a Deus que abençoe o esforço dos seus braços na lavra, dando-lhe abundante colheita para tudo quanto for preciso.

A oração é tão necessária como a respiração. Os filhos de Deus não podem passar sem orar. Oxalá todos os adventistas busquem fervorosamente a direcção de Deus mediante fervorosa oração «antes de irem para a sua lavra»!

E. V. Hermanson

Vencendo dificuldades

Muitas vezes a nossa vida cristã fica incomodada com as dificuldades, e vai enfraquecendo a pouco e pouco até que por fim perdemos o nossa fé em Jesus.

As dificuldades são espingardas de Satanás, que ele usa para matar os filhos de Deus. Mas apesar disso devemos pôr a nossa confiança em Jesus.

Quando realizei uma reunião dos mestres e séculos na nossa catequese de Maca, vi o irmão Bernardo Lucamba que era o responsável pela ramificada de Calipi e me disse: «A minha vida é cheia de dificuldades. A minha mulher adoeceu há treze anos e nem por isso a minha fé desfaleceu. Também meu Salvador Jesus Cristo enfrentou muitas dificuldades e não somente isso, mas morreu na cruz por causa de mim».

Continuou ele: «Numa tarde fui à caça. No regresso encontrei que o meu neto tinha falecido. Fechei a casa, e com a mulher fomos ao óbito. Passei a noite lá.

«De madrugada veio um portador com a seguinte notícia: «A tua casa queimou-se».

«Eu não tinha levado nada. Perdi tudo o que possuía: mobília, duas bicicletas, louça, roupa, dinheiro e um grande montão de batatas».

Disse ele que chorou durante uma semana inteira. A família pedia-lhe dinheiro para ir consultar os adivinhadores, a fim de se poder descobrir quem queimou a casa. Mas o nosso irmão Bernardo não consentiu, e foi fiel e sofreu e venceu estas dificuldades.

Prezados leitores, sabemos nitidamente a história do patriarca Job. Ele, quando recebeu a mensagem do desaparecimento dos seus filhos e dos camelos, bois, jumentas, ovelhas e servos

não amaldiçoou a Deus, mas louvou-O. No capítulo 1:20-22 do livro de Job, lemos: «Então Job, levantou-se e rasgou o seu manto e rapou a cabeça, e se lançou em terra e adorou, e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor. Em tudo isto Job não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma».

Esté nosso irmão até hoje é firme na fé. Está a conduzir 44 membros da Escola Sabatina.

Boaventura Venâncio.

Através da Escola Radio-Postal

Continuação da pág. 8

Enquanto não subestimamos os outros factores que levam as almas sinceras a aceitarem Jesus como seu Salvador pessoal, agradecemos ao Senhor pelas pessoas que se enfileiraram na igreja remanescente graças à ajuda que receberam por meio do curso bíblico por correspondência da Escola Rádio Postal.

Nossos cartões de instrução tem ido parar até mesmo nas casas de reclusão, certamente levados por esforçados elementos dos M. V. ou da Sociedade Missionária. Disso tem resultado alguns dos detidos estarem a fazer o curso. Acompanhando as lições e as perguntas que nos são feitas e que respondemos ao devolvermos as provas escritas devidamente corrigidas, vão Bíblias que comprem ou que damos aos indigentes, folhetos, trimensários e outra literatura. Estamos convencidos de que Deus fará a semente frutificar a seu devido tempo.

Agradecemos o interesse que todos tomarem na distribuição dos cartões de inscrição da Escola Rádio Postal e pelo esforço que fizeram para nos conseguirem novos alunos. E pedimos que nos ajudem, e aos nossos alunos com as suas orações.

Notícias do Campo

Instituto do Bongo

No dia 2 de Junho, à noite, os catequistas do Instituto do Bongo marcharam na ala da igreja ao som da música de suas próprias vozes. À frente, entraram os alunos do primeiro ano vestidos de camisas brancas e calças pretas, seguindo os do segundo ano, com suas camisas e calças brancas e casacos escuros. Estes foram seguidos pelos da Classe dos Finalistas, sendo catorze jovens vestidos de fatos pretos.

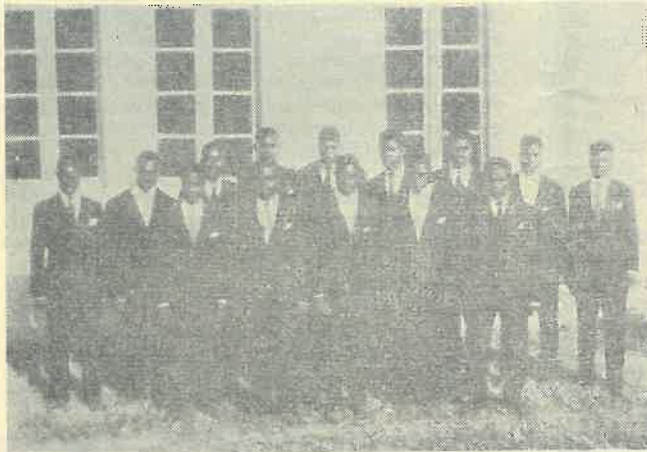
Esta foi uma noite importante para todos os catequistas desta Escola, mas principalmente para aqueles que terminaram o seu curso. Esta ocasião significou, não o fim, mas o princípio para eles. Foram aprovados e foram achados prontos para deixarem os seus estudos formais e entrarem numa vida de serviço na vinha do seu Mestre. Eles estão prontos para responder à chamada de João 11:28, sendo o seu alvo «Evangélizar Angola».

Evaristo Moma	»	»	Namba
Herculano José	»	»	Bongo
Inácio Noé	»	»	Luz
Isaías André	»	»	Luz
Jonas Marcos	»	»	Bongo
Manuel Davoca	»	»	Namba
Martins Julio	»	»	N. Lisboa
Rafael Francisco	»	»	Luz
Romeu Jeremias	»	»	Cuale
Samuel Pacheco	»	»	Namba
Vitorino Evaristo	»	»	N. Lisboa
Vieira Banda	»	»	Namba

É nosso sincero desejo que estes finalistas cumpram com êxito os seus deveres, e que o Senhor os ajude a ganhar muitas almas para o Seu Reino.

Frank Dietrich

Sã da Bandeira Campanha de Evangelização



Alunos que completaram este ano o Curso de Catequistas

Foi o pastor Ernesto Ferreira que pregou nesta cerimónia, apresentando a grande necessidade de estes jovens continuarem os seus estudos e mostrarem-se aprovados a Deus, como obreiros que não têm de que se envergonhar. O finalista Inácio Noé expressou a gratidão dos membros da classe para com aqueles que foram responsáveis em ajudá-los a chegar a este ponto de desenvolvimento. No seu hino de consagração, os finalistas fizeram a congregação compreender a necessidade que tinham de entrar na obra de Deus.

Estes jovens deixaram a Instituto e alguns já estão a trabalhar. Cada um foi colocado conforme a seguinte lista:

Adelino Caivala	Campo	M. Quilengues
Bartolomeu Avelino	»	» Lucusse

Como nos anos anteriores, as Igrejas e Missões desenvolvem as suas actividades na Campanha de Evangelização anual. Este ano iniciámos uma campanha de literatura em toda a periferia desta cidade, e o Senhor nos abençoou nos grupos que foram designados para a distribuição de folhetos, horários e cartões para o Curso Bíblico por correspondência. Cabe aqui uma palavrinha de apreciação ao esforço e persistência das nossas irmãs que nos acompanharam. Na verdade estas irmãs manifestam um belo espírito missionário, dando a sua colaboração nesta Campanha o que muito gostosamente lhes agradecemos. Nesta Campanha tivemos oportunidade de entrar em contacto com numerosas pessoas do meio social e intelectual. Iniciámos esta Campanha com um alvo de 5.000 folhetos, e levámos com a auxílio do Senhor esta tarefa a bom termo e aqui vou enumerar algumas das experiências que ocorreram durante esta Campanha.

Dum modo geral fomos bem recebidos algumas pessoas nos pediram Bíblias. A muitos perguntávamos: Tem ouvido os nossos programas da Voz da Profecia? Gosta? — Sim, era a resposta de numerosas pessoas. — Há muito tempo que houve a Voz da Profecia? — Sim, há muito tempo; é o programa dos adventistas, não é? Nós respondíamos que era e que os folhetos elucidavam acerca das verdades das Sagradas Escrituras.

Um dos nossos jovens por duas vezes dis-

tribuiu trezentos folhetos no meio intelectual, Liceu, Escola Industrial, etc., em cerca de meia hora. Este jovem foi bem recebido e confia na sementeira feita, que virá a produzir frutos para honra e glória de Deus. Três casas se nos abriram para iniciarmos estudos bíblicos, tendo nós aceito a primeira oferta num bairro desta cidade. Iniciámos o primeiro estudo na passada semana e continuaremos todas as quintas-feiras a realizar estes estudos. Para nossa surpresa tínhamos logo na primeira reunião 22 pessoas. Um chefe de posto reformado veio ter comigo a dizer-me que já se tinha inscrito no Curso Bíblico em virtude do cartão que deixámos em sua casa. Visitámos uma senhora que prometeu vir à Igreja e outras desejariam vir, mas devido às distâncias ficam impossibilitadas de se deslocar para assistirem às reuniões. Este é o problema de sempre e estamos certos de que melhores reuniões teríamos se houvesse possibilidade de transporte, o que muito contribuiria para um maior desenvolvimento da igreja. A Voz da Profecia é a guarda avançada da Obra de Deus, pois é interessante notar como a Mensagem Adventista penetra nos lugares mais distantes através da rádio desta cidade nos nossos programas semanais todas as sexta-feiras. Nem todos podem frequentar as reuniões, mas todos podem ouvir o programa semanal pela rádio, qual anjo voando pelo meio do céu. Isto cumpre a profecia do Apocalipse: «E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação e tribo e língua e povo.» Apocalipse 14:6.

Simultaneamente com esta Campanha, realizámos um cerimónia baptismal de duas pessoas que selaram as suas vidas com Cristo, no novo tanque baptismal que nos foi facilitado por um amigo num aprazível lugar no meio dos eucaliptos. Como este tanque é próximo da cidade, muitas pessoas puderam presenciar o acto solene do baptismo, estando cerca de 100 pessoas presentes, 25 das quais pela primeira vez. Como não temos um salão grande que possa acomodar muitas pessoas, estamos esperançados na cedência dum salão fora para a realização de reuniões documentadas com projecções ilustrativas da Mensagem do Senhor, o que muito contribuirá para um maior despertamento.

Ao recordar as palavras de Jesus temos que nos lembrar que sem Ele nada podemos realizar. Confiamos na graça de Deus e desejamos desempenhar-nos da missão que nos incumbe de anunciar o Evangelho do Reino às almas que vivem sem Deus e sem esperança. Ao darmos conhecimento desta Mensagem, desobrigamo-nos da incumbência que foi posta por Jesus de irmos a todo o mundo pregar o Evangelho do reino. Nesta Campanha que realizámos, encontramos por vezes folhetos rasgados na rua, o que

demonstra um desprezo pelos apelos divinos, mas isso foi previsto já na Palavra de Deus, quando Jesus acentua o facto do estado cético e indiferente da humanidade pelas coisas do céu. Porém, como Jesus na Sua missão, damos continuidade de à proclamação do Evangelho a todo o mundo nesta geração como discípulos do Mestre e assim se cumprem as palavras de Jesus: «Se Eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas agora não têm desculpa do seu pecado.» João 15:22.

Américo J. Rodrigues

Campo Missionário de Nova Lisboa

Uma lição de ginástica às três horas da manhã

Na Escola Central Adventista de Gungue realizou-se uma Convenção de Catequistas, de 17 a 30 de Junho, a que assistiram cinquenta e sete obreiros nativos dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Quilengues.

No Domingo de manhã, dia 16 de Junho, chegou à Central uma camioneta com materiais de construção, carteiras para a escola e alguns catequistas de áreas do Caúri. Estes foram recebidos pelos seus colegas das áreas de Caconda que já os aguardavam. À tarde chegaram os carros dos irmãos Presidente e Secretário-Tesoureiro da União com bagagens e mais catequistas. Finalmente, já noite, chegou uma camioneta de Caconda com os obreiros de Quilengues.

Os objectivos desta Convenção foram: 1) elevar a espiritualidade dos obreiros; 2) ministrar-lhes conhecimentos úteis ao seu trabalho; 3) familiarizá-los com os novos programas do Ensino Rudimentar.

O programa diário da Convenção foi o seguinte:

07:00	Culto devocional
08:00	Actividades do Catequista
09:00	Metodologia do Ensino Rudimentar Religioso



Os participantes da Convenção colaborando na construção da Central

10:00 Metodologia do Ensino Rudimentar geral
 11:00 O lar Adventista
 14:00 Dogmática e Hermeneutica

As aulas foram ministradas pelo Presidente da União, Pastor E. Ferreira e pelo Director do Campo Missionário de Nova Lisboa, José E. Rodrigues.

A partir das 15:00 horas até ao pôr-do-Sol todos os participantes da Convenção deram o melhor do seu esforço para ajudarem a levar à frente o programa de construções da Central. Uns arrancaram pedra, outros transportaram adobes, outros puxaram barris de água e outros levantaram os alicerces e as paredes. Como podeis constatar pela fotografia que aparece neste número de revista, eles fizeram um bom trabalho nas poucas horas destinadas a esse fim.

Não queremos deixar de agradecer aos obreiros de Quilengues a sua boa vontade em colaborar, construindo uma cozinha e dispensa, atrás da casa do pastor.

Como o tempo escasseava, combinou-se que os obreiros teriam a sua primeira lição de ginástica, às 5:00 horas da manhã, de segunda-feira, dia 24. A lição seria ministrada pelo Director do Campo. Este, ao acordar, olhou para o relógio e verificou passarem já dez minutos da hora marcada. Levantou-se apressadamente e, saindo para o exterior, admirou-se de não ver os catequistas já a postos. Dirigiu-se à casa onde eles se encontravam alojados e, apodando-os de «preguiçosos», chamou-os para que se levantassem. À luz das estrelas que brilhavam no firmamento começou a lição de ginástica. Fizeram-se alguns exercícios de aquecimento e, seguidamente, os exercícios da lição. Passou-se o tempo e, como ainda não clareasse, repetiram-se alguns exercícios. Contudo parecia que o sol estava apostado em não querer alumiar a terra. O relógio do director já marcava 6:30 horas e ainda não havia a mais pequena claridade. Um catequista foi buscar o seu relógio e, para gáudio de todos, constatou-se que eram só 4:15 minutos. O relógio do director estava avariado e a lição de ginástica

começara por volta das 3:00 horas da madrugada!

Não queremos deixar de salientar as duas boas reuniões dos Missionários Voluntários, apresentadas nos Sábados, dias 22 e 29 de Junho. Esperamos que elas tenham constituído um incentivo para os catequistas e que, nas suas aldeias, irão levar a efeito, regularmente, reuniões semelhantes.

Temos a certeza que todos quantos assistiram a esta Convenção levaram consigo gratas recordações e que os conhecimentos adquiridos irão ser postos em prática.

José Eduardo Rodrigues

Sá da Bandeira,

Sociedade de Dorcas

Há quatro anos que na Igreja de Sá da Bandeira foi fundada a Sociedade de Dorcas, graças ao Senhor, ela tem-se mantido sempre em actividade até ao dia de hoje.

Deu início á Sociedade o Irmão Pastor António Lopes e a obra foi depois continuada e amparada pelo Irmão João Esteves e hoje pelo Pastor Américo Rodrigues.

No dia 4 de Maio — dia de Dorcas — foi apresentado á Igreja o relatório dos trabalhos da Sociedade de Dorcas, abrangendo o período dum ano ou seja desde Maio de 1962 até Maio de 1963. Para elucidação dos nossos leitores aqui vão alguns números do nosso relatório:

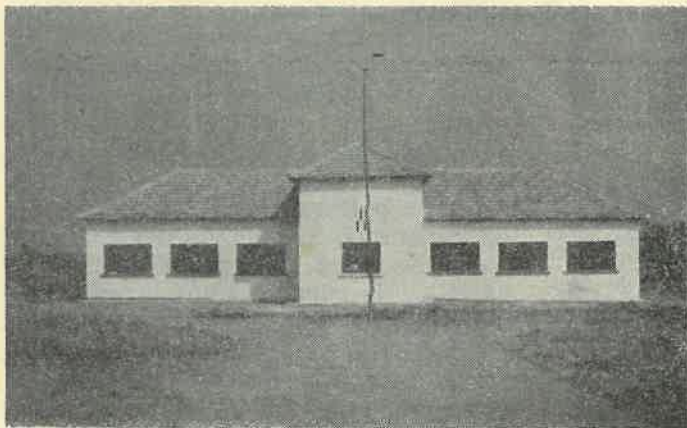
Contactos Missionários	290
Visitas Missionárias	371
Peças de roupa dadas	172
Pacotes de géneros alimentícios	112
Refeições	190
Pessoas auxiliadas	398
Horas de trabalho missionário	223
Literatura distribuída	261
Estudos Bíblicos	95
Calçado (pares)	2
Oferta	40\$00

Para a Sociedade de Dorcas foi adquirida uma máquina de costura.

Damos graças a Deus por esta grande bênção.

Pesa-nos no nosso coração que não sejam maiores os números apresentados, mas Deus tem conhecimento das dificuldades com que lutamos; Deus sabe como a Igreja é pequena e, por assim dizer, pobre, pois um bom número dos seus membros necessitam do auxílio da Sociedade e assim, o trabalho, o bem, que gostaríamos de fazer entre conhecidos, amigos ou mesmo estranhos, fica muito limitado.

No entanto continuamos animados, tendo presente em nos-



Edifício da Escola Central Adventista do Gungue



Alguns membros da Sociedade Benéfica de Dorcas

ossos corações o belo exemplo de Tabita (Dorcas) e rogando ao Senhor que nos ajude a empregar o nosso tempo e os nossos talentos na ajuda dos necessitados, dos famintos, dos doentes, dos aflitos, das viúvas e dos orfãos, seguindo assim as pisadas daquela sua Serva dos tempos dos Apóstolos.

A quem nos ler fazemos uma petição: AUXILIAI-NOS! Auxiliai-nos nesta cruzada de bem fazer!

Nos dias do Apóstolo S. Paulo houve um brado que chegou a ele e que o fez estremecer e agir: Passa a Macedônia e ajuda-nos! Hoje o brado que vai até aos vossos corações da Sociedade de Dorcas da Igreja de Sá da Bandeira é este: AUXILIAI-NÓS! Quem quer que sejas, de longe ou de perto, irmãos na fé, amigos ou simpatisantes podeis contribuir para o avanço da nossa obra entre os pobres.

Agradecemos tudo e qualquer coisa, que se possa transformar em pão, agasalhos, remédios, conforto e amor para com os pobres de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A Directora da Sociedade de Dorcas

Natália Silvério

Teixeira de Sousa

Quando aqui cheguei, em 1954, havia só três catequistas, que eram Francisco Lopes, Romeu Fernando e Felix Falanga. Já estavam ali haviam quatro anos, e nem um só membro tinham. No primeiro congresso baptizámos um só membro. Pouco faltou para se desfazer a área de Teixeira de Sousa por não haver pessoas. Alguém chegou a dizer: «Até o Senhor Jesus vir, cá em Teixeira nunca haverá membros convertidos a Deus».

Em 1954 começámos a trabalhar com os catequistas que aqui se encontravam. De 1955 a 57, baptizámos 11 membros; em 1959, baptizámos 31 membros; em 1958, baptizámos 49 membros; no ano passado, baptizámos 112. Este ano parece que ainda havemos de baptizar mais. E temos muitos lugares que estão a chamar catequistas.

Aqueles catequistas que começaram a trabalhar aqui ficaram com vergonha de ver isto. Sabem agora o que eles fizeram? Voltaram, converteram-se, e deixaram as outras mulheres e as bebidas. Entraram nas Classes de Ouvintes e Baptismal, e já os baptizámos. Ago-

ra eles querem ser monitores. Já colocámos o Francisco Lopes e está contente em ser monitor.

Agora cá em Teixeira de Sousa temos 485 membros baptizados e temos boas ofertas e dizimos, e bom número de alunos, e boas igrejas, e 17 catequistas.

Peço as vossas orações por esta área, porque estamos na fronteira e o lugar é muito difícil.

Com cordeais saudações cristãs, fico vosso irmão em Jesus Cristo.

Jeremias Minganjo

Aguardando a Ressurreição

Descansaram no Senhor: em 20 de Junho, no Bongo, *Rute João*, viúva do saudoso mestre João Segunda; em 25 de Junho, no Bongo, *Alberto Cassico*, que em vida foi uma forte coluna da Igreja na aldeia de Lufefena; em 6 de Julho, em Nova Lisboa, *Elisa Venâncio*, esposa do Pastor Venâncio Chipopa.

As famílias enlutadas apresentamos as nossas condolências.

Histórias Africanas

Continuação da pág. 7

sua, alguns dias, e depois algumas semanas, se passaram sem que algo tenha sucedido. Já não há doentes na sua família e o seu rebanho não continua a diminuir.

Que acontecera entretanto?

Vindo de longe, um escravo liberto entrara na aldeia e começara a dizer coisas muito diferentes daquelas que estavam acostumados a ouvir. Alguns não prestaram grande atenção ao que ele dizia. Outros concluíram que as suas palavras não os deixavam viver como eles queriam.

Também Sangombe o foi ouvir. As palavras do estranho penetraram até ao mais profundo do seu coração e nunca mais as pôde esquecer. De dia não saíam da sua cabeça, de noite não o deixavam dormir.

Eram palavras que falavam do estado perdido do homem, de um Redentor cheio de amor que estava disposto a salvá-lo, de como o amor manifestado aos homens pelo Redentor os devia levar a amar os próprios inimigos.

Sangombe acabou por render o seu coração a Jesus. Foi assim que as ofensas passadas foram esquecidas e as duas famílias se reconciliaram.